

ACTAS DEL VI COLOQUIO INTERNACIONAL ΑΓΩΝ
COMPETENCIA Y COOPERACIÓN DE LA ANTIGUA GRECIA A LA ACTUALIDAD
Homenaje a Ana María González de Tobia

LEXICOGRAFIA BILINGUE E TRATAMENTO DIGITAL NA ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DE VERBOS MÉDIOS DO GREGO ANTIGO EM APOLODORO

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO¹

Universidade Estadual Paulista

(Brasil)

RESUMO

Apresentação da metodologia empregada na montagem do glossário eletrônico de verbos médios do grego antigo presentes na obra *Biblioteca*, de Apolodoro. Após algumas reflexões acerca do conceito de voz média na língua grega e do levantamento de ocorrências no *corpus* mencionado, apresentamos uma pequena Word list, com alguns lemas previamente selecionados, com as classificações dos verbos médios com base no papel semântico atribuído ao seu sujeito oracional.

ABSTRACT

This paper aims to present the methodology that we are using in order to elaborate our electronic word-list of Ancient Greek middle verbs found in Apollodorus' *Library*. After we make our reflections upon the Greek middle voice and show the occurrences of those verbs in the mentioned *corpus*, we present a small Word list, with some lemmatized and

¹ Doutorando em Linguística e língua portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP–Araraquara), Faculdade de Ciências e Letras, Rodovia Araraquara-Jaú km 1 – 14800-901 Araraquara – SP. caiocamargo1986@gmail.com.

previously selected examples, with the classifications of the middle verbs based on the semantic role of its sentence subject.

RESUMEN

Presentación de la metodología empleada en el montaje del glosario electrónico de los verbos griegos medios presentes en la obra *Biblioteca* de Apolodoro. Después de algunas reflexiones sobre el concepto de la voz media en griego y el reconocimiento de las apariciones en el *corpus* mencionado, presentamos una pequeña lista de palabras, con algunos lemas previamente seleccionados, con la clasificación de los verbos medios según la función semántica señalada por el sujeto oracional.

PALAVRAS-CHAVE:

Glossário eletrônico-Voz média-Apolodoro-Metodologia.

KEY WORDS:

Electronic word list-Middle voice-Apollodorus-Methodology.

PALABRAS CLAVE:

Glosario electrónico-Voz media-Apolodoro-Metodología.

1. Introdução

Nos últimos anos, trabalhos voltados para as línguas clássicas ganharam força, já que com as novas correntes de pensamento linguístico, novas propostas e abordagens surgiram, as quais, embora tenham uma língua literária, isto é, não usada para a comunicação, como objeto de estudo, permitem a maximização de

suas reflexões, podendo ser aplicadas como parâmetros para qualquer outro estudo linguístico, como, por exemplo, para o de uma língua moderna.

Nesse sentido, este trabalho visa à apresentação da metodologia empregada na elaboração do glossário de verbos médios do grego antigo presentes na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, prosador do séc. II d. C., cuja obra é a única compilação de mitos gregos a que temos acesso. Nossa apresentação se inicia com uma análise teórica condensada da voz média, sobre a qual cabe ressaltar que a dificuldade de se compreendê-la é uma realidade no ensino-aprendizagem do grego antigo. Poucos são os materiais que se destinam especificamente ou de modo aprofundado a esse tema e, dessa forma, a proposta de um manual que trate com especificidade essa categoria verbal nos parece bastante adequada à realidade não só de estudiosos do grego clássico, como também de pesquisadores em busca de estudos comparados. Nosso objetivo é, associado a algumas reflexões com relação aos critérios lexicográficos empregados, além do levantamento de dados quanto às ocorrências de verbos médios no *corpus* selecionado, demonstrar como transportar esse estudo teórico da medial em abordagens práticas, tal qual a elaboração de um glossário, que permite oferecer aos estudiosos e interessados no grego antigo um manual específico de verbos médios, além de fomentar os trabalhos e estudos lexicológicos, tão importantes à ciência linguística.

2. A voz média grega–prolegômenos

A voz média grega foi o tema principal de nossa dissertação de mestrado e nos permitiu uma aprofundada e extensa reflexão ao seu respeito.² Uma vez propedêutico nosso foco sobre a medial, cabe neste artigo, portanto, ressaltarmos alguns dos principais pontos com relação aos trabalhos e estudos

² Para maiores detalhes, cf. Camargo, V. R. C. *Tipologia e uso da voz média em Apolodoro: abordagem semântica baseada em corpus*. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/#585,679>.

linguísticos acerca desse tema e qual fundamentação teórica, dentre essas diferentes abordagens, seguimos para a elaboração do glossário de verbos médios.

As gramáticas do grego antigo deixam clara a existência de três vozes verbais presentes na língua, todas marcadas morfológicamente, sendo elas: ativa, passiva e média. De modo comparado às línguas modernas, principalmente em relação às línguas neolatinas, as duas primeiras operam por meio de mecanismos semelhantes, enquanto a média, por sua vez, torna-se um traço restrito às línguas clássicas.³ É comum um iniciante nos estudos do grego antigo, ao primeiro contato com a terminologia “média”, associá-la à voz reflexiva, presentes nas línguas modernas, muitas vezes em decorrência das explicações que encontra em materiais de apoio a esse assunto. Entretanto, à medida em que esse aluno se depara com os textos helênicos, nota que, por mais que exista, ocasionalmente, alguma semelhança entre elas, há empregos da medial que não condizem com a forma de operação de sua língua nativa. Muitas dúvidas, de fato, surgem acerca do emprego da voz média, não só pela sua relativa distância para com uma equivalência com uma língua moderna, mas também pela versatilidade de seu emprego, que, muitas vezes, dificulta criar uma intersecção que possa ligar as várias formas de se empregá-la.

No grego antigo, a primeira distinção feita entre as vozes ativa e média refere-se ao ponto de vista morfológico, já que ambas apresentam desinências específicas para diferentes tempos e modos.

³ A fim de não irmos de encontro aos trabalhos mais recentes, pensamos na voz média como uma categoria morfológicamente marcada nas línguas clássicas, não nos referindo à questão semântica, abordada por muitos autores nos estudos de línguas modernas, inclusive mencionados no decorrer deste trabalho.

Presente do indicativo ativo	Presente do indicativo médio
στέλλω	στέλλομαι
στέλλεις	στέλλῃ
στέλλει	στέλλεται
στέλλομεν	στελλόμεθα
στέλλετε	στέλλεσθε
στέλλουσι(ν)	στέλλονται

Imperfeito do indicativo ativo	Imperfeito do indicativo médio
σέλλον	σέλλομην
σέλλες	σέλλου
σέλλε	σέλλετο
σέλλομεν	στελλόμεθα
σέλλετε	σέλλεσθε
σέλλον	σέλλοντο

A partir do momento em que se identifica uma distinção morfológica entre elas, qual, então a diferença de significado entre ambas? Nesse sentido, as formas médias, então, encontradas no texto não podem ser substituídas, sem prejuízo de sentido, por uma construção ativa? Qual seria o motivo para o desaparecimento da voz média nos sistemas linguísticos das línguas modernas? Uma vez existente, em alguns casos, certa proximidade entre voz média e reflexiva, quando não há, como compreendê-la? Os dicionários de grego, por sua vez, quando diante da possibilidade de um verbo com formas ativa e média, apresentam as diferenças de significado entre ambas, algumas vezes com exemplos contextualizados, sem, contudo, aprofundar na questão, o que

nem sempre satisfaz a dúvida do estudioso. Se estamos diante de um verbo, cujas formas ativa e média possuem sentidos distintos, resta a pergunta: por que essas formas coexistam e em que consiste essa diferença? Embora haja sinônimos, a coexistência de três vozes verbais, especialmente ativa e média, sugere-nos que os autores, e possivelmente os falantes, tornavam essa escolha motivada, de modo a ser possível encontrar uma sistematização para a alternância dessas ocorrências.

Os estudos acerca da voz média variam em relação à abordagem utilizada pelos autores que os propõem. Existem trabalhos voltados para o sistema médio em línguas modernas, outros que abarcam estudos comparados entre sistemas médios e reflexivos e, de maneira geral, a quantidade de trabalhos em que há o emprego de novas teorias da linguística para estudo das clássicas é pequena. Diante de uma categoria verbal de difícil classificação, com construções de sentido passivo, reflexivo e verbos ora transitivos, ora intransitivos, a voz média chamou a atenção dos mais diversos estudiosos, que buscaram, por meio de variados escopos, definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer seu sentido prototípico, capaz de contemplar as principais características dessa categoria verbal.

Um dos primeiros estudos que remete à abordagem sobre a voz média é o de Kühner e Gerth (1898: 100), que afirma:

“A forma medial designa um ato/atividade de fala/expressão, a qual parte do sujeito e retorna para ele próprio. Essa atividade de fala, que parte do sujeito e a ele retorna, pode estar ou simplesmente limitada ao sujeito, como em: βουλευόμαι, *eu me aconselho*, λούομαι, *eu me lavo*, ou a um objeto de sua esfera, (...), como em ἐκοψάμεν τήν κεφαλήν, *eu bato na minha cabeça*, κατεστρεψάμην τήν γῆν, *eu subjugo o território* (...)”⁴

⁴ “Die Medialform bezeichnet eine Tätigkeitsäusserung, welche von dem Subjekte ausgeht und auf dasselbe wieder zurückgeht. Diese von dem Subjekte ausgehende und auf dasselbe wieder zurückgehende Tätigkeitsäusserung kann entweder bloss auf das Subjekt beschränkt sein, als: βουλέομαι, ich berate mich, λουόμαι, ich wasche mich, oder auf ein Objekt seiner Sphäre, (...), als ἐκοψάμεν τήν κεφαλήν e ich schulge mir das Haupt, κατεστρεψάμην τήν γῆν, ich unterwarf mir das Land”.

Essa definição chama bastante atenção principalmente pelo fato de diferenciar-se tanto das definições de outros autores, surgidas posteriormente. No entanto, até certo ponto há uma proximidade para com as teorias contemporâneas acerca da voz média, tal qual a de *Startingpoint/Inicitor* (*ausgeht*, na citação), como também a de *Endpoint* (*zurückgeht*) na cadeia de ação, conceitos esses que serão abordados ainda nesta seção. Vale ressaltar que a definição de Kühner e Gerth (1898) tratam da voz média em seu sentido restrito, ou seja, excluem a categoria médio-passiva. Muitos estudos, principalmente os de sintaxe gerativa, utilizaram o termo *construção média* para designar um par alternativo em que o membro derivado designa uma situação genérica com um sujeito *paciente* e um *agente* implícito.

Nos estudos linguísticos mais contemporâneos acerca das vozes verbais, algumas formulações mais familiares acerca do sentido da voz média são:

- a) “A voz média denota que o sujeito está, de alguma maneira especial, envolvido ou interessado na ação do verbo” (Gildersleeve, 1900: 64).
- b) “Verbos (...) que têm posição na esfera do Sujeito, nos quais o Sujeito todo parece participante/implicado” (Brugmannb, 1903: 104).⁵
- c) “Na voz ativa, os verbos denotam um processo que se realiza a partir de um sujeito e sem ele; na média, que é a *diátesis* a definir por oposição, o verbo indica um processo em que o sujeito é o foco; o sujeito está no interior do processo” (Benveniste, 1966: 172).
- d) “Em indo-europeu e em grego, as desinências médias indicam que o sujeito está interessado de uma maneira pessoal no processo” (Meillet, 1937: 244).

⁵ Tradução nossa.

- e) “As implicações da média (quando em oposição com a ativa) são que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses” (Lyons, 1969: 373).

Com relação a essas definições, notamos que Gildersleeve (1900) e Meillet (1937) se voltam para a questão do interesse do sujeito oracional, enquanto Brugmann (1903) e Benveniste (1966) referem-se à noção de que o sujeito todo participa e que está interno ao processo. A definição de Lyons (1969) é a que mais se aproxima das teorias contemporâneas que tratam da voz média, já que abarca os dois sentidos, o passivo (afeta o sujeito) e o sentido indireto reflexivo (seus interesses). A definição de Meillet (1937), por outro lado, é a mais comumente utilizada, principalmente, em gramáticas e métodos de ensino do grego antigo, atribuindo à media a noção de interesse por parte do sujeito, sendo que esse traço, embora existente em alguns casos, não é único e nem sempre tão evidente. Esse é, inclusive, o raciocínio seguido por Humbert (1964), ao afirmar que na voz média exprime que “a ação realizada possui aos olhos do sujeito uma significação pessoal, o que significa que a ação se refere, quer ao sujeito ele mesmo, quer àquilo que constitui sua própria esfera”. Lyons (1969) usa o verbo *afetar* num sentido amplo o bastante para ser aplicado a todos os sentidos da média.

A voz média pode ser definida como um código marcado de partida da transitiva prototípica. Ao contrário desta, o sujeito, de algum modo ou de outro, sofre o efeito do evento. Esse efeito pode ser de natureza física, mental e pode ser direto ou indireto (nesse caso envolve um objeto externo). A representação para essa situação é demonstrada na figura 1.

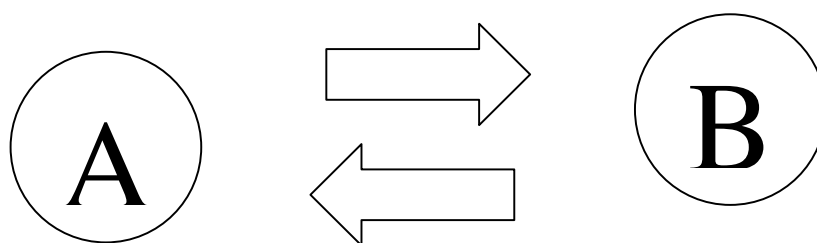


Figura 1 - A voz média no modelo cognitivo de Langacker

As setas representam o processo expresso pelo verbo e, nesse caso, mostram o traço *afetação do sujeito*, principal característica dos verbos construídos na voz média. Em outras palavras, a ação que partiu da entidade A, de alguma forma, teve efeito nela mesma, isto é, de alguma forma A foi afetado pelo processo. Sendo esse um modelo prototípico, com exceção da construção médio-passiva, todos os outros empregos podem ser esquematizados dessa forma.

De maneira geral, a voz média é caracterizada por apresentar o traço *afetação do sujeito*, isto é, numa oração, o sujeito, de alguma forma, é afetado pela ação ou processo expressado pelo verbo. Fazendo uso dessa definição, Allan (2003) apresenta um dos mais completos trabalhos de pesquisa de voz média acerca do grego antigo, com base em conceitos semântico-cognitivos e uma abordagem baseada em corpus, em que defende a ideia de que essa categoria gramatical pode ser analisada como uma categoria de rede complexa.⁶ O autor considera os tipos de uso da medial elencados por Rijksbaron (1994) envolvidos numa relação semântica de forma polissêmica, de modo que em modelos categóricos complexos, essas relações são chamadas de extensões, sendo que, embora haja traços semânticos compartilhados por todas, há traços salientes em que se diferenciam. Assim, Allan (2003) define onze classificações para o emprego da voz média no grego antigo, sendo elas:

a) Média-passiva;

⁶ O termo cunhado pelo autor em questão é de voz média como uma *complex network category*.

- b) Processo espontâneo;
- c) Processo mental;
- d) Movimentação corporal;
- e) Ação coletiva;
- f) Recíproca;
- g) Reflexiva direta;
- h) Perceptiva;
- i) Atividade mental;
- j) Ato de fala;
- k) Reflexiva indireta.

Essas classificações foram empregadas a partir da análise de exemplos contextualizados de voz média na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, o que nos permitiu eliminar, no caso de verbos polissêmicos, a possibilidade de mais de uma classificação para um mesmo verbo. A escolha de uma dessas categorias foi feita com base no papel semântico do sujeito oracional. Os papéis semânticos selecionados para essa classificação foram:

- a) Agente
- b) Paciente
- c) Experienciador
- d) Beneficiário
- e) Recipiente

Uma vez que a voz média no grego é morfologicamente marcada, torna-se possível, a partir dessa lista com terminações de palavras, encontrar suas ocorrências no texto selecionado, porém essa tarefa passa por alguns obstáculos. Após o reconhecimento dessas desinências, surge o problema da ambiguidade entre formas de tempos, modos e vozes diferentes. A primeira grande equivalência se dá em relação às terminações, uma vez que, conforme

ressaltado, média e passiva, no grego, compartilham as mesmas desinências nos tempos presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito, sendo distintas apenas no futuro e no aoristo. Por conseguinte, no caso de uma desinência em um dos quatro primeiros tempos, o primeiro passo é verificar se se trata de uma construção tipicamente passiva ou média. Além disso, frequentemente ativa e média compartilham também mesmas formas. Pensemos, por exemplo, em εὐστοχήσαι, do verbo εὐστοχέω, *suceder*: essa construção pode corresponder à terceira pessoa do aoristo optativo ativo; ao infinitivo aoristo, ativo e à segunda pessoa do singular, do aoristo imperativo médio. Diante desse problema, torna-se, então, necessário, analisar o contexto em que a frase está inserida, a fim de sanar as possibilidades de variantes de seu significado. No caso de uma desinência exclusivamente média, a análise do contexto é feita, a fim de confirmarmos a classificação dessa forma verbal, de acordo com os grupos estabelecidos por Allan (2003). Tomemos agora, como exemplo, o verbo ἡμφιέσατο, *vestir-se*, que não apresenta ambiguidade de formas e, portanto, sendo uma construção média, de acordo com o funcionamento do *software*, clicando sobre o vocábulo desejado, abre-se a frase em que ela ocorre e, dessa forma, analisamos seu sentido na oração, conforme abaixo.

Contexto: α) καὶ χειρῶσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἡμφιέσατο (...)
(Apol. *Biblio.* 2.4.10) [“Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele” (...)]

Compreendido o contexto, a tarefa seguinte é analisar e classificar esse emprego da medial em uma das categorias propostas por Allan (2003) e, nesse caso, o exemplo encontra-se no grupo da *Média Reflexiva Direta*, já que é uma ação que o sujeito executa em si próprio e, normalmente, é feita pelas próprias mãos. Prosseguindo na análise da *Word List*, encontramos a forma ζεαζάκελνο, *ver; contemplar*, no seguinte contexto:

b) ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα

Θεασάμενος, θάψας αὐτὸν (...) (Apol. *Biblio.* 2.5.4) [“Após retornar a Fóloe, ao ver Fólo morto, Hércules enterrou-o” (...)]

Trata-se de uma *Média Perceptiva*, já que um sujeito não só percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais como também possui papel semântico de *experienciador*. Conforme ressaltamos anteriormente, embora nesse caso tenhamos uma construção exclusivamente média, a verificação do contexto é importante, por possibilitar também a notificação da possibilidade de um participio substantivado, o que acarretaria num outro tipo de interpretação.

3. Os verbos médios em Apolodoro

Na obra *Biblioteca*, temos um total de 1251 verbos médios. Na tabela abaixo, separamos, em colunas, as diferentes contagens com relação à ocorrência de verbos médios. A princípio, numa primeira contagem, dividindo-os já nas categorias previstas por Allan (2003), temos os dados demonstrados na coluna de número de ocorrências.

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	DEPOENTES	LEMAS DISTINTOS
Média-passiva	124	8	50
Processo espontâneo	274	175	21
Processo Mental	77	32	21
Movimentação Corporal	215	80	48
Ação Coletiva	13	1	06
Recíproca	43	18	11
Reflexiva Direta	26	2	13

Perceptiva	36	11	07
Atividade Mental	06	1	03
Ato de Fala	65	18	43
Reflexiva Indireta	372	30	71
Total de ocorrências	1251		

Em grego antigo, no entanto, há uma categoria verbal chamada de *depoentes*, isto é, verbos caracterizados pela não existência de uma forma ativa. Por exemplo, o verbo βούλομαι (“querer”) só existe na forma média, enquanto o verbo καλέω (voz ativa: “chamar”) possui uma forma média, καλέομαι, “chamar para si”. Consideramos importante, portanto, apontar, no glossário, a ocorrência de um verbo depoente e nessa contagem, coletamos os dados apresentados na segunda coluna. O passo final na análise dos verbos médios em Apolodoro foi, justamente, verificar, dentre as ocorrências em cada categoria, quantos eram os lemas distintos. Com relação ao conceito de lema, tomamos como referência as definições de Biderman (2000) que o define como *entrada do verbete, palavra-entrada* ou somente *entrada*. Dessa forma, por questões práticas, optamos por lematizar, isto é, “arrolar no dicionário como lema, como entrada” (Welker, 2004) e a quantidade de lemas distintos é o que mostramos na última coluna.

Com base nesse levantamento de dados, podemos extrair algumas conclusões interessantes. Nota-se o predomínio da Reflexiva Indireta, seguida pelo Processo Espontâneo e a Movimentação Corporal. Essa contagem, no entanto, não desconsidera a repetição de lemas, tampouco as formas depoentes, isto é, aqueles que só possuem forma média e, conseqüentemente, não dariam ao falante do grego antigo a opção de uma construção ativa. Chama a atenção, também, a categoria Processo Espontâneo, que conta com uma grande quantidade de verbos depoentes, que acarreta numa restrição de escolha por

parte do falante. Por outro lado, a Média Reflexiva Indireta proporcionalmente, apresenta a menor quantidade de verbos depoentes e, diante da possibilidade de uma construção ativa, a opção pela forma medial parece-nos uma escolha motivada. Cabe destacar, também, a categoria Ação Coletiva que, embora de baixa recorrência, apresentou apenas uma forma depoente, que também justifica a teoria da motivação. De maneira geral, a quantidade de verbos depoentes nas outras categorias é bem menor que a quantidade de verbos com oposição ativa. A categoria Processo Espontâneo é a que mais contempla a repetição de seus lemas, e, no sentido oposto, na categoria Ato de Fala que temos a menor repetição, seguida pela Reflexiva Indireta. Os dados acima parecem-nos coerentes diante do fato de essas duas categorias assinalarem, geralmente, um sujeito *beneficiário* ou *recipiente* e, por essa razão, a quantidade de verbos que atribuem esse papel semântico ao sujeito se apresentam mais prolíficos.

A partir dessa fundamentação teórica e coleta de dados, mostramos, a seguir, quais critérios seguimos para a elaboração do glossário eletrônico de verbos médios extraídos da obra *Biblioteca*, de Apolodoro.

4. O glossário de verbos médios

4.1. Conceitos de lexicologia bilíngue

É importante salientar, *a priori*, que a muito debatida oposição dicionário monolíngue *vs* dicionário bilíngue não será tratada nesta seção não só por questões de foco do artigo, mas, principalmente, porque para estudiosos do grego antigo um dicionário monolíngue não faz parte de seu cotidiano de produção e pesquisa e, portanto, em nossa área de atuação só há dicionários bilíngues. Na realidade de ensino-aprendizagem do grego antigo, poucos são os materiais didáticos em português, o que exige, por exemplo, a necessidade de um aluno dominar uma segunda língua, podendo gerar dificuldades nesse

proceso de estudo, porque o ganho de vocabulário e o processo de aprendizagem passa por glossários, listas de palavras e pequenos manuais que podem perder sua eficiência quando apresentados em um idioma estrangeiro ao estudioso. Ademais, especificamente sobre dicionários, recentemente foi lançado o primeiro dicionário grego-português, um trabalho de fôlego, que inaugura novas diretrizes e possibilidades de produção científica nessa área. Por exemplo, ainda não há uma versão eletrônica do dicionário grego-português, tampouco dicionários didáticos ou mesmo na direção contrária do original, ou seja, português-grego. Tarp (2008) é enfático ao afirmar que o que de fato importa em lexicografia são as funções que os dicionários desempenham. Dessa forma, temos em mente que há, ainda, muitos recursos a se explorar quando pensamos no contexto escolar, conforme salienta Aragonés (2005: 1):

O ensino de língua, seja materna ou estrangeira, tem como finalidade conseguir que os alunos, nativos ou estrangeiros, desenvolvam de forma adequada suas capacidades expressivas e compreensivas, isto é, sua plena competência comunicativa para desenvolver-se socialmente com suficiente autonomia. Para alcançar esse objetivo, os professores de língua temos de ensinar nossos alunos a valorizar e a utilizar de forma cada vez mais competente esse valioso instrumento de comunicação e de acesso ao conhecimento, que é a língua, e de proporcionar-lhes recursos e fontes de informação que favorecerão sua autoaprendizagem linguística para que possa por si mesmos em qualquer momentos acender a novos conhecimentos e ampliar os que já possuem. [...] Entre esses recursos o mais útil, sem dúvidas, é o dicionário, cujo valor didático foi manifestado de forma insistente por eminentes lexicógrafos e docentes.

Ao mesmo tempo em que temos em mente a eficácia e eficiência do dicionário, acreditamos, também, na necessidade e nos benefícios de atribuir um tratamento digital à produção de glossários, listas de palavras ou mesmo dicionários, uma vez que, conforme salienta Torres Del Rey (2009), “a digitalização supôs a aparição de novos mecanismos e formas de transmissão, acesso e exploração da informação”. Assim, uma vez que tratamos de uma

categoría verbal particular a uma língua clássica, cujo funcionamento, por vezes, distancia-se dos mecanismos mais comuns nas línguas modernas, um glossário eletrônico de verbos médios do grego antigo nos possibilita uma infinita criação de recursos de ensino-aprendizagem e compreensão dessa categoria verbal, esmiuçando as particularidades da voz média, seus principais traços, sua relação com os sujeitos oracionais, seu uso em frases etc; conjunto este de informações que, numa versão em papel, poderia ser restringida por questões de custo de impressão, tamanho do volume, dentre outras. Além disso, conforme aponta Garcia-Valcárcel (2007), num dicionário eletrônico, as informações podem ser “relacionadas de forma não sequencial” e essa flexibilidade é um recurso muito útil se pensarmos na dificuldade que muitos alunos possuem no manuseio de dicionários de papel, que embora tenha a ordem alfabética como padrão de organização, nem sempre possui vias de acesso maleáveis e versáteis a ponto de atender as rotas utilizadas pelos usuários.

Uma grande vantagem de um dicionário, e também de um glossário eletrônico é a capacidade de ampliação de suas informações num intervalo de tempo muito menor que o de uma versão impressa. Em grego antigo, do ponto de vista morfológico e sintático, seu processo de aprendizagem não difere muito do sistema de ensino de outra língua, como o espanhol ou o inglês, contanto que o aluno entenda os mecanismos de funcionamento da língua helênica. No entanto, mais complicada é a quantidade de vocabulário, por tratar-se de uma língua de milhares de anos de existência e funcionamento e, por essa razão, surgir a sensação de que, a cada autor estudado, temos que “aprender novamente o grego”, já que as escolhas lexicais mudam muito. Assim, elaborar um glossário eletrônico permite que, por exemplo, se um mesmo verbo seja apresentado com suas variantes de sentido em cada autor.

Por exemplo, uma determinada ocorrência em Homero pode ter sentido *x*, enquanto que em Platão, *y*. Uma versão impressa permite isso, certamente, mas o número de obras gregas traduzidas para o português ainda é bem menor, se comparado a línguas com o inglês e o francês e como esse acervo de traduções é ampliado a todos instante, mesmo que aos poucos, essa plataforma eletrônica do glossário permite a inclusão dos novos trabalhos em lexicografia do grego vindos de diferentes estudiosos.

Torna-se adequado apontar que trabalhos lexicográficos em línguas clássicas ganharam força com os avanços tecnológicos, cujos recursos permitiram não só agilidade nas pesquisas, como também a ampliação *de corpora* analisados, criação de materiais e métodos mais eficientes no ensino-aprendizagem de línguas etc. O uso do computador é uma realidade, hoje, na rotina de trabalhos dos lexicógrafos. No entanto, o avanço da tecnologia não permitiu somente que o trabalho manual de antes fosse expandido em quantidade, mais além, podemos encontrar conhecimentos outrora desconhecidos devido à falta de expansão dos textos. Em seu artigo, *Digital Humanities Quarterly*, Bamman & Crane (2009) apontam para essa nova realidade dos trabalhos em clássicas:

Manual lexicography has produced fantastic results for Classical languages, but as we design a cyber infrastructure for Classics in the future, our aim must be to build a scaffolding that is essentially enabling: it must not only make historical languages more accessible on a functional level, but intellectually as well; it must give students the resources they need to understand a text while also providing scholars the tools to interact with it in whatever ways they see fit. In this a dynamic lexicon fills a gap left by traditional reference works. By creating a lexicon directly from a corpus of texts and then situating it within that corpus itself, we can let the two interact in ways that traditional lexica cannot.⁷

⁷ “A lexicografia manual produziu resultados fantásticos para línguas clássicas, mas conforme esboçamos uma infraestrutura cibernética para as Clássicas no futuro, nosso objetivo deve ser construir uma plataforma que é essencialmente habilitadora: ele deve não somente tornar línguas históricas mais acessíveis num nível funcional, mas intelectualmente também; ela deve prover aos estudantes recursos de que eles necessitam para entender um texto, enquanto também fornece-lhes as ferramentas para interagir no modo como eles acham que deve ser. Nisso um léxico dinâmico preenche o buraco deixado pelos trabalhos tradicionais de referência.

Nesse sentido, nosso foco é acompanhar as novas tendências dos trabalhos acadêmicos de, a partir dos trabalhos anteriores de referência na área, incluir as inovações de nosso tempo e ampliar o alcance de nossas pesquisas, tanto em resultados, quanto em ferramentas, quanto no público alvo. Este glossário de verbos médios é parte de um trabalho mais amplo, em que elaboramos um banco de dados digital, grego-português, que contempla o texto de Apolodoro vinculado ao *vocabulary tool*, e ao *word study tool*, ambos em português.

4.2. Elaborando o glossário eletrônico grego-português de verbos médios

Uma vez coletados os exemplos de voz média na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, surge uma nova etapa na elaboração do glossário: definir os critérios para o emprego das terminologias no que diz respeito às questões lexicográficas. Primeiramente, o modelo de verbete para o glossário contempla as seguintes informações: a) verbo; b) classificação da categoria; c) papéis semânticos do sujeito; d) exemplo e sua referência e e) notificação de verbo depoente, quando for o caso.

Com relação à forma de entrada dos verbos, seguimos o padrão dos dicionários de grego antigo, isto é, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Embora regulares na maioria das vezes, há casos de verbos cuja forma irregular, do ponto de vista morfológico, difere muito de sua forma de entrada e, por essa razão, nesses casos optamos pela remissão como, por exemplo, ἐχρήτο, forma aorista de χράω. Uma vez que trabalhamos com um glossário digital, existe a possibilidade de um usuário procurar um acesso à informação por meio de uma forma não lematizada e, no caso de essa forma

Criando um léxico diretamente de um corpus de textos e depois situá-lo dentro de um próprio *corpus*, podemos permitir as duas interações nos modos em que os léxicos tradicionais não conseguem”.

ocorrer no exemplo, os mecanismos desse glossário já o guiarão à forma de entrada.

Após análise do contexto em que o verbo insere-se, a primeira informação do verbete se refere a uma das classificações de Allan (2003), acima elencadas, utilizando as seguintes abreviaturas: Mp; Pe; Pm; Mc; Ac; R; Rd; P; Am; Af; Ri (respectivamente, média-passiva; processo espontâneo; processo mental; movimentação corporal; ação coletiva; recíproca; reflexiva direta; perceptiva; atividade mental; ato de fala e reflexiva indireta). A seguir, há uma nota quanto à(s) possibilidade(s) do papel semântico do sujeito, *agente; paciente; recipiente; beneficiário ou experienciador*, respectivamente representados pelas seguintes abreviaturas: *ag; pac.; rec.; ben.; exp.* Para o caso de verbos que em contextos diferentes comportem papéis semânticos distintos, dois exemplos serão dados, a fim de caracterizar essas variantes.

O sentido do verbo vem a seguir e, já que se trata de um glossário específico de um autor, poucas serão as formas verbais polissêmicas. Um exemplo, seguido de tradução e fonte, será apresentado. No caso de verbos polissêmicos, será atribuído um exemplo para cada significado.

Por fim, no caso de verbos depoentes, isto é, verbos em grego que não possuem forma ativa (só ocorrem em construções médias como, por exemplo, βούλομαι, “desejar”, forma exclusivamente média, ao contrário de καλέω - “chamar”- forma ativa, e καλέομαι - “chamar para si”- forma média), a marcação é feita pelo símbolo (☼), notificando essa ocorrência.

Reunindo, portanto, todas essas informações, temos abaixo uma pequena *Word list* em ordem alfabética, de alguns verbos médios, em Apolodoro.

αἰσθάνομαι V [P] [Exp] tomar consciência de; perceber: Δηϊάνειρα δὲ αἰσθομένη τὸ γεγονὸς ἑαυτὴν ἀνήρτησεν. (Apol. *Biblio.* 2.7.7) [“Dejanira, após tomar consciência do ocorrido, enforcou-se.”]. ☼ **forma depoente**

αἰσθόμαι V [P] [Exp] sentir; perceber pelos sentidos: (...) καὶ μετ' οὐ πολὺ τῆς ὀσμῆς **αἰσθόμενοι** παρῆσαν οἱ Κένταυροι (...) (Apol. *Biblio.* 2.5.4) [(...) “e não muito depois de **sentirem** o cheiro, os Centauros se aproximaram” (...)]. ☀ **forma depoente**

ἀμφιέννυμι V [Rd] [Ag e Pac] vestir-se: καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν **ἠμφιέσατο** (...) (Apol. *Biblio.* 2.4.10) [“Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele” (...)].

ἀνιάω V [Am] [Exp]. perturbar-se: **ἀνιᾶθεις** δὲ Ἡρακλῆς προσδραμὼν τό τε βέλος ἐξείλκυσε (...) (Apol. *Biblio.* 2.5.4) [“Héracles, **tendo-se perturbado**, após se apressar, retirou a flecha” (...)].

γίγνομαι V [Pe] [Pac] nascer; tornar-se; vir a ser: (Ἡρακλῆς) πατὴρ Τληπολέμου **γίνεται**. (Apol. *Biblio.* 2.7.6) [“(Héracles) **torna-se** pai de Tlepolemo.”]. ☀ **forma depoente**

καταμέμφομαι V [Af] [Ben] acusar: μετ' Ἀπόλλωνος δὲ Ἄρτεμις συντυχοῦσα ἀφηρεῖτο, καὶ τὸ ἱερὸν ζῶον αὐτὸς κτείνοντα **κατεμέμφετο**. (Apol. *Biblio.* 2.5.3) [“Ártemis, em companhia de Apolo, encontrou-o (Héracles), tomou-a (a corça) e o **acusou** de tentar matar o sagrado animal dela.”].

μάχομαι V [R] [Ag e Pac] lutar; combater: συνέβη δὲ κατὰ τὴν μάχην Ἀμφιτρύωνα γενναίως **μαχόμενον** τελευτῆσαι (Apol. *Biblio.* 2.4.11) [“Aconteceu de, no combate (contra os mínias), Anfítrio morrer **lutando** bravamente.”]. ☀ **forma depoente**

ὄρμάω V [Mc] [Ag e Pac] impelir; οὗτος γὰρ **ὄρμώμενος** ἐκ τοῦ Κιθαιρῶνος τὰς Ἀμφιτρύωνος ἔφθειρε βόας καὶ τὰς Θεσπίου. (Apol. *Biblio.* 2.4.9) [“Pois ele (o leão), **vindo** do Citerão, devastou os rebanhos de Anfítrio e Téspis.”].

παρίημι V [Pe] [Pac] cair; derrubar: (...) εἰς χιόναπολλὴν **παρειμένον** εἰσωθήσας ἐμβροχίσας τε ἐκόμισεν εἰς Μυκήνας. (Apol. *Biblio.* 2.5.4) [(...) “empurrando o animal para a neve **caída** e amarrando-o, levou-o para Micenas.”].

τρέπω V [Ac] [Ag e Pac] afugentar: Ἡρακλῆς δὲ λαβὼν ὄπλα παρ' Ἀθηνᾶς καὶ πολεμαρχῶν Ἐργῖνον μὲν ἔκτεινε, τοὺς δὲ Μινύας **ἐτρέψατο** (...) (Apol. *Biblio.* 2.4.11) [“Mas Hércules, tendo recebido armas de Atena e assumido o controle, matou Ergino e **afugentou** os mínias” (...)].

χράω V [Ri] [Ben] servir-se: οὗτος Ἡρακλεῖ μὲν ὄπτα παρείχε τὰ κρέα, αὐτὸς δὲ ὤμοις ἐχοῖτο. (Apol. *Biblio.* 2.5.4) [“Ele ofereceu a Hércules um grelhado e **serviu – se** de carne crua.].

Cabe um ressaltar, por fim, que a notação V indicando a categoria de verbo pode parecer, a princípio, dispensável, uma vez que se trata de uma lista, exclusivamente, de verbos médios do grego antigo presentes em Apolodoro. No entanto, ressaltamos que essa é uma etapa que compõe um trabalho maior, em que visamos à elaboração de um banco de dados digital que contará com uma versão bilíngue (grego-português) do texto, contemplando uma análise morfológica de todos os lexemas. Sendo assim, as demais categorias (substantivos, adjetivos, advérbios) entrarão na lista e, portanto, será necessária essa notação para classificar cada uma delas. A fim, apenas de elucidar um pouco dessa atividade, a partir de um trecho do texto contido em *Biblioteca*, tal como:

τοῦτο ἀκούσας ὁ Ἡρακλῆς εἰς Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ προσταπτόμενον ὑπὸ Εὐρυσθέως ἐτέλει. πρῶτον μὲν οὖν ἐπέταξεν αὐτῷ τοῦ Νεμέου λέοντος τὴν δορὰν κομίζειν (...)

“Após ouvir isso, Hércules foi para Tirinta e cumpriu o que lhe foi ordenado por Euriteu. Primeiro, então, Euriteu ordenou-lhe trazer a pele do leão de Neméia”.

Todos os vocábulos acima estarão em forma de um *link* que dará acesso a sua respectiva análise morfológica e também uma árvore sintática que o situa na concordância com os demais termos da oração. No caso de um verbo, uma *interface* tal qual aquela apresentada acima será disposta ao aluno, para compreender seu sentido no texto. Por fim, haverá a versão em português do texto, a partir de um alinhamento de traduções, exemplificado acima por meio das diferentes cores dos vocábulos. Dessa forma, quando o usuário assinalar uma palavra, seu correspondente em português também será grifado na mesma

cor, de modo que ele entenda as escolhas de tradução e também diferenças sintáticas entre as línguas. A explicação dos mecanismos de organização e funcionamento dessa ferramenta de alinhamento de tradução torna-se adequada em outro momento.

Conclusão

A voz média grega é uma questão que gera dificuldades para o aluno, em sua compreensão, como para o professor, ao ensiná-la. Os materiais didáticos de grego clássico, em sua maioria, não costumam trazer abordagens aprofundadas acerca da voz média, apenas acusam sua existência, indicando algumas formas de uso; porém o maior enfoque se dá em seu aspecto morfológico. A escassez de trabalhos com esse enfoque, pelo menos em português, resulta nessa dificuldade de se compreender a voz média, acarretando em problemas futuros como, por exemplo, em traduções, uma vez que, quando lidamos com uma língua estrangeira, o aspecto cultural, relacionado a uma visão de mundo, está intrínseco à língua, e as escolhas linguísticas não são feitas por acaso.

Dessa forma, tendo em vista o crescimento de trabalhos em lexicografia bilíngue e, principalmente, no que diz respeito a dicionários eletrônicos, um glossário específico de verbos médios, em que analisamos os papéis semânticos dos sujeitos, definindo o escopo da medial, delimitando seu campo semântico na obra *Biblioteca*, de Apolodoro, parece-nos um baluarte bastante útil aos estudiosos desse assunto, tornando possível criar novos recursos para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, acompanhando as inovações tecnológicas e metodológicas em nossa área.

BIBLIOGRAFIA

- ALLAN, Rutger J. (2003) *The Middle Voice in Ancient Greek. A Study of Polysemy*, Leiden and Boston.
- FRAZER, J. G. (1921) *Apollodorus, The Library*, with an English Translation in 2 Volumes. Cambridge, London. Includes Frazer's notes. Disponible em: <http://www.perseus.tufts.edu>
- SEPÚLVEDA, M. R. y ARCE, J. (1985) *Biblioteca*. Introducción, traducción y notas, Madrid.
- BAMMAM, D y CRANE, G. *Computational Linguistics and Classical Lexicography*. Disponible em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/about/who/davidBamman> (acceso em 11/11/2012).
- BENVENISTE, É. (1966) "Actif et moyen dans le verbe", *Journal de Psychologie*, 43: 121-130 [retomado em *Problèmes de Linguistique general I*, Paris: 168-175].
- GILDERSLEEVE, B. L. (1900-1911) *Syntax of classical greek*, Cincinnati.
- KEMMER, S. (1993) *The middle voice*. Amsterdã/Filadélfia.
- KÜHNER, R y GERTH, B. (1904) *Ausführliche grammatik der griechischen Sprache*, Capítulo 1: *elementar - und Formenlehre*, 2 volumes, Hanover.
- LANGACKER, R. W. (1987) *Foundations of cognitive grammar*, Vol. 1, Stanford.
- (1991) *Concept, imagem and symbol: the cognitive basis of grammar*, Nova Iorque.
- (2000) *A dynamic usage-based model*, en BARLOW, M. y KEMMER, S, *Usage-based models of language*, Stanford.
- LYONS, J. (1996) *Linguistic Semantics*, Cambridge.
- MEILLET, A. (1937) *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, Paris.

- PRADO ARAGONÉS, J. (2005) *El uso del diccionario para la enseñanza de la lengua: consideraciones metodológicas*, *Káñina, Rev. Artes y Letras*, Univ. Costa Rica. Vol. XXIX (Especial): 1-28.
- TARP, S. (2008) "Desafíos teóricos y prácticos de la lexicografía de aprendizaje", en BEVILACQUA, C. R. (Org.), HUMBLE, P. (Org.) y XATARA, C. M. (Org.). *Lexicografía Pedagógica: Pesquisas e Perspectivas*. UFSC/NUT: 46-73.
- VALCÁRCEL-GARCÍA, J. y TORRES DEL REY, J. (2009) *Diccionarios bilingües electrónicos: nuevas posibilidades de futuro*, en FUENTES MORÁN, M. T. y MODEL, B. A. (eds.). *Investigaciones sobre lexicografía bilingüe*, Granada: 81-116.
- VÁSQUEZ, YAMUZA y GARRIDO (1999) *Gramática Funcional-Cognitiva del Griego Antiguo I. Syntaxis y semántica de la predicación*. Univ. de Sevilla. Serie Manuales Universitarios, 44.
- WELKER, H. (2004) *Dicionários—uma pequena introdução à lexicografia*, Brasília.